

EDITORIAL

Flexibilização e o aumento de casos

Antes que se pudesse comemorar a queda dos números de contaminados pelo novo coronavírus, a 13ª etapa da pesquisa sorológica realizada pela Prefeitura de Teresina apontou um aumento no número de casos na Capital. Na semana passada, eram 156.623 pessoas infectadas e agora subiu para 217.163 contaminados. O número representa um aumento de 39% dos casos de covis-19 em Teresina nesta segunda semana de julho em relação à primeira semana do mês. A principal hipótese levantada pela Prefeitura que justifica esse acréscimo é justamente a reabertura das ati-

vidades econômicas que está em curso na Capital. Só que esse aumento já era esperado - não seria possível haver uma circulação maior de pessoas e interação entre elas sem que a contaminação aumentasse. Por isso fica uma certa dúvida sobre a surpresa da gestão ao anunciar que os teresinenses se contaminaram mais após a abertura do comércio - seria o mesmo se fossem abertos os parques, o varejo. E a verdade é que o número deve ser ainda maior, já que o número de infectados na casa dos 217 mil é 21 vezes maior que as notificações oficiais divulgadas diariamente pela Fun-

dação Municipal de Saúde. Um outro dado chama a atenção: o total de pessoas com anticorpos da doença em Teresina passou dos 200 mil, e essa é a parte positiva da pesquisa. A verdade é que vamos precisar esperar para saber se com esses novos dados a reabertura do comércio realmente acontecerá no dia 27 de julho como foi anunciado, ou mais uma etapa da flexibilização será adiada. Mas até quando? Todas as vezes que novas etapas forem chegando, novas contaminações irão acontecer. Enquanto isso, vamos esperar para saber qual será o próximo passo dos nossos governantes.



Frase do dia

“Daqui a cinco dias será o pico do Piauí e o pico de óbitos será em torno do dia 10 de agosto, então temos de estar preparados”, disse Firmino Filho, prefeito de Teresina

É preciso e possível mudar!

Alisson Dias Gomes - Jornalista, professor universitário e doutor em Comunicação Audiovisual

Quase tudo está bem diferente! Trabalho, estudo, rotina, interações pessoais, sociais e institucionais, metas do ano, planejamentos organizacionais... E as férias são mais uma engrenagem deste sistema num ano atípico! De repente, as coisas mudaram por um fator externo altamente impositivo: a pandemia de Covid-19. Num primeiro momento, conflito e revolta! Depois, acomodação, desgaste físico e mental, assimilação e, aos poucos, pitadas práticas de resiliência (capacidade humana lidar com problemas,

adaptar-se a mudanças e superar obstáculos e pressões). Em seguida, retomada do equilíbrio e volta de sensações de esperança, positividade e expectativas. Agora, ações de replanejamento e resignificação. Muitas pessoas próximas relataram as fases anteriores, mais ou menos com tais características e nesta ordem, enfatizando o aspecto da mudança como preponderante no hoje e no amanhã.

Alguns amigos de longas datas ventilam a possibilidade de dedicar mais tempo, esforços e investimentos no autoconhecimento através de cursos, leituras, vivências e inclusão de novos hábitos voltados para o eu diante do mundo e do todo. Por sua vez, outros amigos revelam dese-

jos de se qualificarem mais e mais por conta do mercado de trabalho contemporâneo e dinâmico, que deu uma guinada, e expôs que ninguém está 100% preparado. Aliás, nunca estaremos! Com isso, a busca por novos cursos de formação, a exemplo de segundas graduações ou pós-graduações, tende a crescer bastante nos próximos meses e anos, seja na modalidade a distância, semipresencial ou presencial.

O lado bom de toda mudança está na saída da zona de conforto, do quadrante de segurança e da estabilidade possivelmente condicionante e castradora. Estaremos diante da necessidade de reinvenção e da certeza de que será nos ventos da mudança que

novas direções surgirão. Neste caso, a mudança e o movimento se fundem e tornam-se parceiros indissociáveis.

Em conversa com uma companheira de trabalho, ela comentou sobre o desejo de parar de lecionar e pesquisar, após mais de 25 anos de contribuições valiosas em salas de aulas a alunos das mais variadas áreas. Hoje, criar galinhas e plantar cheiro verde, ter mais contato com a natureza e o campo, pisar no freio da vida e afastar-se de certas práticas da educação mercadológica se apresentam como novas possibilidades para ela. Já outras duas amigas, na casa dos seus 30 e 40 anos, comentam de modo entusiasmado sobre o desejo de fazer cursos nas

áreas de Moda, Design de Interiores, Mídias Sociais e Marketing Digital. A ideia delas é mudar de vez o campo de atuação profissional inicial e abraçar novas carreiras, privilegiando ao máximo talentos e aptidões negligenciados por algum tempo em razão das circunstâncias da época.

No contexto atual de convites pessoais constantes a mudança individual-coletiva, por motivos internos e/ou externos, com consciência (ou não), perguntas retóricas são propostas a quem for capaz de refletir: quantas vezes mudei? A mudança se dá de modo intencional ou espontâneo? Por que mudei (e mudo)? Quantas vezes o entorno me muda e não sou capaz de entender tais modificações? O que con-

tribui de modo decisório para que as mudanças aconteçam no meu cotidiano?

Particularmente, rastreio diversos momentos de mudança na minha vida pessoal e profissional e me dou conta de que todo dia mudo um pouco. Pais, amigos, alunos, colegas, conhecidos e leitores me ajudam e estimulam a mudar por meio das trocas, críticas, confidências, partilhas e pedidos, sejam eles positivos ou negativos. Mudo para sobreviver e entender-me, reconhecendo o que o grandioso Chico Buarque de Holanda assegura: “As pessoas têm medo das mudanças. Eu tenho medo de que as coisas nunca mudem”. Pense também se não vale a pena mudar. Muito, pouco ou nada?

Como as mulheres em situação de rua vivenciam o acesso à saúde bucal em Teresina?

Isaac Torres dos Santos - Aluno do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Universidade Federal do Piauí

Fábio Solon Tajra - Professor do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Universidade Federal do Piauí (Coorientador)

Regina Ferraz Mendes - Professora do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Universidade (Orientadora)

Muitos aspectos interferem na saúde bucal da população. As desigualdades socioeconômicas, por exemplo, influenciam sobremaneira na prevalência das doenças bucais, bem como no acesso às ações e serviços odontológicos. Esse fato é particularmente importante quando se consideram as pessoas em vulnerabilidade social, como é o caso da população em situação de rua. Essa população ocupa um espaço desfavorecido no sistema de saúde e possui diversos problemas de saú-

de bucal, como dor de dente, necessidade de extração dentária e necessidade de próteses dentárias. A condição se potencializa quando analisamos a saúde da mulher em situação de rua, pois essa vulnerabilidade é agravada pelas condições de gênero, como violências, abuso sexual, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada.

Aqui, surgem inúmeras dúvidas: como se dá o cuidado em saúde bucal das mulheres em situação de rua? Quais são suas necessidades e demandas? As equipes de saúde bucal estão preparadas para isso? Há estratégias para facilitar o acesso das mulheres em situação de rua nos serviços de saúde bucal? Em se tratando do pré-natal odontológico, há o acompanhamento das mulheres em situação de rua pelos dentistas?

Nesse sentido, pesquisadores do Programa de Pós-

Graduação em Odontologia da Universidade Federal do Piauí desenvolveram uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistadas mulheres em situação de rua em Teresina, tendo em vista a necessidade de compreender o acesso aos serviços de saúde bucal. Verificou-se que algumas barreiras estão relacionadas à dificuldade de acolhimento nos serviços de atenção básica, de construção de vínculo e de organização e funcionamento dos serviços. Quando o acesso se estabelece, percebe-se ainda uma demora na marcação de consultas e o longo tempo de espera para os atendimentos. Demorar na marcação tende a agravar a situação de saúde, já uma demora no atendimento pode implicar na perda de refeições ou acesso a abrigos.

A exclusão das mulheres em situação de rua dos serviços odontológicos também

é reforçada pela burocracia nos serviços de saúde, como a exigência de documentos de identidade, de comprovante de endereço e/ou do cartão nacional de saúde. Essa constatação foi feita, embora as diretrizes do SUS indiquem que a falta de documentação não deveria ser um empecilho para o atendimento.

Outra barreira encontrada é a existência de alguns profissionais de saúde bucal que atendem somente a população com residência fixa dentro do território de ação da Unidade Básica de Saúde. A característica migratória da população em situação de rua torna inapropriado um processo de trabalho baseado em uma área geográfica fixa e sua população residente. A Atenção Básica deve responder às necessidades de saúde não somente da população com residência fixa, mas também dos itinerantes,

como é o caso das mulheres em situação de rua.

A pesquisa evidencia que a Equipe de Consultório na Rua de Teresina (equipe de saúde de referência para as pessoas em situação de rua da cidade), embora não contando com cirurgião-dentista ou técnico em saúde bucal em sua composição, tem facilitado o acesso dessas mulheres aos serviços de saúde bucal em outras instituições da rede. Porém, a equipe também vivencia inúmeras dificuldades quando se propõe a dar seguimento aos casos.

Assim, torna-se indispensável a atuação conjunta de gestores, profissionais da saúde e comunidade na elaboração de estratégias para a superação desses problemas da população em situação de rua. A presença do cirurgião-dentista como integrante da equipe de Consultório na Rua em Teresina também

se faz necessária, tendo em vista a necessidade de superar as dificuldades de acesso aos serviços odontológicos, construir uma rede de cuidados corresponsável e contribuir com o entendimento das equipes de saúde quanto à responsabilidade de cuidado da população em situação de rua.

Aliado a isso, é preciso investir na formação e desenvolvimento de profissionais da saúde, apropriação das necessidades e demandas da população em situação de rua, organização e funcionamento dos serviços de saúde bucal, por meio de ações integradas ao trabalho da equipe de Consultório na Rua e flexibilização da agenda. Acredita-se que isso contribuirá para a efetivação do direito à saúde da população em situação de rua e possibilitará o desenvolvimento das práticas de cuidado em saúde bucal desse grupo.

Os artigos publicados nesta página não representam a opinião do Jornal O DIA

O DIA
LÍDER EM CREDIBILIDADE

ANJ
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS
www.anj.org.br

Jornal O DIA - Desde 1951 | ISSN 21778272

Valmir Miranda
Presidente

Tânia Carvalho Miranda
Diretora Adm. Financeira

Adriana Magalhães
Editora-chefe

Alberto Moura
Diretor de Marketing

Carivaldo Marques
Diretor Industrial

Chefe de Reportagem: Viviane Menegazzo
Secretária de Redação: Ithyara Borges

Telefones da Redação: (86) 2106.9924/9941/9942/9943/9958
email: jornalodia@portalodia.com

Empresa O DIA LTDA • Rua Governador Artur de Vasconcelos, 131 CEP 64.000-450 • Teresina PI Brasil

Publicidade
(86) 2105.9911 - opec@jornalodia.com.br

Classificados
(86) 2105.9925/19 - opec@jornalodia.com.br

Assinaturas
(86) 2105.9927

Atendimento ao Assinante
(86) 2106.9912

assinatura@jornalodia.com.br

São Paulo / Recife
F1P REPRESENTAÇÕES LTDA
RUA HELENA DE LEMOS, 300 RETIRO - RECIFE PE
TEL.: 01 2128-4390 - F1P.RECIFE@F1P.COM.BR

REPRESENTANTES

Brasília
GRUPO AS MEIOS DE COMUNICAÇÃO
03 - ED. PARANGARÁ - CORA. 17941705
TEL.: 011 3222-2250
GRUPO43@GRUPO43.COM.BR

Fortaleza
NSA
AV. SANTOS DUMONT, 1301 - ALDEOTA
FORTALEZA CE TEL.: 05 3254 0106
NSACE@NSAONLINE.COM.BR